

A PROPÓSITO DE

Rocha Peixoto

Por VIRIATO BARBOSA

TENHO de há alguns anos a esta parte acompanhado com regalo e maior proveito o labor literário de um poveiro que, pelo indiscutível valor dos seus estudos sobre a história e os monumentos da nossa terra, bem merece ser tido e considerado como dos melhores obreiros de tal género entre nós.

Não me têm passado despercebidos, entre os trabalhos desse poveiro consagrados à História da Arte portuguesa, dois estudos recentes, um sobre os retábulos de talha da igreja matriz, publicado na revista *Museu*, do «Círculo Dr. José de Figueiredo» — 2.ª série, N.º 8 (Porto, 1964) e o outro sobre o douramento e pintura da talha do mesmo templo, publicado em *O Tripeiro*, 6.ª série, Ano V (Porto, 1965).

Acabava eu de ler o referido N.º 8 do *Museu*, que o meu habitual livreiro desta vez demorou na entrega, quando, por felicidade, veio às minhas mãos, ainda fresco das tintas da tipografia, em separata do Boletim Cultural *Póvoa de Varzim*, vol. IV, N.º 2, um exemplar com gentil dedicatória do seu autor, Sr. Dr. Flávio Gonçalves, nome que desde o princípio deste artigo me estava a saltar da caneta.

Precioso estudo sobre a personalidade de Rocha Peixoto é esse, que depois de lido me obriga a seu respeito escrever estas poucas linhas com o à vontade de dizer aquilo que não deve o meu espírito esconder senão estrebordando prazer.

É na verdade já hoje notável a soma de trabalhos sobre a história da nossa terra que Flávio Gonçalves tem, com a perseverança da formiga, dado aos apreciadores de coisas antigas, que não precisa senão de quem os leia com atenção e dê valor ao que é bom.

Este seu estudo agora publicado sobre Rocha Peixoto só por si, pelo que encerra de ciência de investigação, fica desde já a valer muito como documentário, dentro do programa das comemorações do Primeiro Centenário do nascimento do sempre ilustre poveiro Rocha Peixoto.

A biografia do grande etnógrafo e

rados em minúcias, às vezes imprescindíveis em estudos honestos e sinceros, como este é.

O poveiro que era Rocha Peixoto está ali, naquele estudo, vivo, tal qual como os homens dignos de há sessenta e tantos anos o conheceram e com ele trataram. E foi em parte assim que eu, embora sendo rapaz estudante, conheci, quando ele volta e meia vinha à Póvoa matar saudades junto dos seus familiares e muitos amigos que tinha, matar saudades e estudar, porque a sua vida era um contínuo estudar.

É exaustivo o trabalho de Flávio Gonçalves sobre a obra científica de Rocha Peixoto, tanto como naturalista e intelectual, como director do Museu e da Biblioteca do Porto e como etnógrafo e arqueólogo.

Como etnógrafo — aquilo que Rocha Peixoto sobretudo foi — é completo!

O poder de investigação é em todos os capítulos admirável, demonstrando método e ordem que não deixam dúvidas no mais exigente estudioso.

Os rodapés das páginas do livro, recheados de citações mostram até que ponto extremo vai a meticulosidade de quem é probo no trabalho de historiador e de quem sabe o que escreve e do que vale.

Creio que será condignamente celebrado o Centenário do nascimento de Rocha Peixoto e tão certo estou disso muito pelo valor espiritual da pessoa consagrada e muito pela dedicação daqueles, como Flávio Gonçalves, que à tarefa de dignificar um homem que sempre honrou a terra que lhes serviu de berço.

Eu, como estudante do nosso liceu, fui, porque não podia deixar de ir, de capa e batina, nesse dia de 16 de Março de 1909 acompanhar o corpo de Rocha Peixoto ao cemitério municipal.

Da manifestação de dor e de sentimento de respeito da gente poveira, sou ainda hoje testemunha.

O livro de Flávio Gonçalves veio em minha alma avivar, não a dor, porque os designios de Deus são insondáveis, mas, sim, o respeito que é devido à memória de um homem

Rocha Peixoto

Por VIRIATO BARBOSA

TENHO de há alguns anos a esta parte acompanhado com regalo e maior proveito o labor literário de um poveiro que, pelo induscutível valor dos seus estudos sobre a história e os monumentos da nossa terra, bem merece ser tido e considerado como dos melhores obreiros de tal género entre nós.

Não me têm passado despercebidos, entre os trabalhos desse poveiro consagrados à História da Arte portuguesa, dois estudos recentes, um sobre os retábulos de talha da igreja matriz, publicado na revista *Museu*, do «Círculo Dr. José de Figueiredo» — 2.^a série, N.º 8 (Porto, 1964) e o outro sobre o douramento e pintura da talha do mesmo templo, publicado em *O Tripeiro*, 6.^a série, Ano V (Porto, 1965).

Acabava eu de ler o referido N.º 8 do *Museu*, que o meu habitual livreiro desta vez demorou na entrega, quando, por felicidade, veio às minhas mãos, ainda fresco das tintas da tipografia, em separata do Boletim Cultural *Póvoa de Varzim*, vol. IV, N.º 2, um exemplar com gentil dedicatória do seu autor, Sr. Dr. Flávio Gonçalves, nome que desde o princípio deste artigo me estava a saltar da caneta.

Precioso estudo sobre a personalidade de Rocha Peixoto é esse, que depois de lido me obriga a seu respeito escrever estas poucas linhas com o à vontade de dizer aquilo que não deve o meu espírito esconder senão estrebordando prazer.

É na verdade já hoje notável a soma de trabalhos sobre a história da nossa terra que Flávio Gonçalves tem, com a perseverança da formiga, dado aos apreciadores de coisas antigas, que não precisa senão de quem os leia com atenção e dê valor ao que é bom.

Este seu estudo agora publicado sobre Rocha Peixoto só por si, pelo que encerra de ciência de investigação, fica desde já a valer muito como documentário, dentro do programa das comemorações do Primeiro Centenário do nascimento do sempre ilustre poveiro Rocha Peixoto.

A biografia do grande etnógrafo e sábio naturalista está ali, nesse trabalho de Flávio Gonçalves, completa em todos os seus dados e em todos os pormenores, estes até exage-

rados em minúcias, às vezes imprescindíveis em estudos honestos e sinceros, como este é.

O poveiro que era Rocha Peixoto está ali, naquele estudo, vivo, tal qual como os homens dignos de há sessenta e tantos anos o conheceram e com ele trataram. E foi em parte assim que eu, embora sendo rapaz estudante, conheci, quando ele volta e meia vinha à Póvoa matar saudades junto dos seus familiares e muitos amigos que tinha, matar saudades e estudar, porque a sua vida era um contínuo estudar.

É exaustivo o trabalho de Flávio Gonçalves sobre a obra científica de Rocha Peixoto, tanto como naturalista e intelectual, como director do Museu e da Biblioteca do Porto e como etnógrafo e arqueólogo.

Como etnógrafo — aquilo que Rocha Peixoto sobretudo foi — é completo!

O poder de investigação é em todos os capítulos admirável, demonstrando método e ordem que não deixam dúvidas no mais exigente estudioso.

Os rodapés das páginas do livro, recheados de citações mostram até que ponto extremo vai a meticulosidade de quem é probo no trabalho de historiador e de quem sabe o que escreve e do que vale.

Creio que será condignamente celebrado o Centenário do nascimento de Rocha Peixoto e tão certo estou disso muito pelo valor espiritual da pessoa consagrada e muito pela dedicação daqueles, como Flávio Gonçalves, que à tarefa de dignificar um homem que sempre honrou a terra que lhes serviu de berço.

Eu, como estudante do nosso liceu, fui, porque não podia deixar de ir, de capa e batina, nesse dia de 16 de Março de 1909 acompanhar o corpo de Rocha Peixoto ao cemitério municipal.

Da manifestação de dor e de sentimento de respeito da gente poveira, sou ainda hoje testemunha.

O livro de Flávio Gonçalves veio em minha alma avivar, não a dor, porque os desígnios de Deus são insondáveis, mas, sim, o respeito que é devido à memória de um homem trabalhador que por muito querer à ciência, sacrificou a sua própria vida tão prometedora do seu génio.